

## Girard e o aprisionamento do desejo

Por Mary R. G. Esperandio\*

### Resumo:

Este artigo apresenta a concepção girardiana de desejo e levanta algumas questões acerca do mesmo. Trata-se de colocar em relevo o modo como Girard concebe o desejo e o ser humano, problematizando se tal concepção abarca, de fato, “todas” as possibilidades de compreensão das formações desejanças, como parece pretender o autor.

### Palavras-chave:

desejo – desejo-mimético – espaço potencial – crise sacrificial – violência.

### Introdução

As manchetes dos principais jornais de domingo, 9 de novembro de 2003 anunciam: “Guerra ao lado do Brasil”; “Atentado mata 11 e fere 122 na Arábia, diz Governo”; “Iraque: 150 soldados dos EUA morreram no pós-guerra”<sup>1</sup>.

Três exemplos de “violência organizada” que grassa no mundo contemporâneo. E nos perguntamos sobre a razão da violência. Girard afirma que “não há (...) violência que não possa ser descrita em termos de sacrifício” e se interroga “por que ninguém se pergunta sobre as relações entre o sacrifício e a violência?” (Girard, 1990, p. 13, 14).

Pressuposta, portanto, a relação entre violência e sacrifício, Girard vai investigar e explicitar como é que esta se dá. E depara-se com algo que considera inusitado: o desejo mimético. Para ele, a violência - que o desejo mimético faz aparecer - é o *acontecimento fundador*: da religião, das relações sociais, da cultura.

---

\* Doutoranda em Teologia Prática (IEPG). Mestre em Teologia Prática (IEPG). Psicóloga (Unisinos).

<sup>1</sup> Jornal Zero Hora, Folha Online, O Globo Online, respectivamente.

A presente reflexão não pretende comentar toda a obra deste autor, mas trata de focar, especificamente, a concepção girardiana do desejo e levantar algumas questões sobre a mesma.

## **Violência e sacrifício**

Seria legítimo pensar a violência, a religião, a constituição do ser humano e as organizações sócio-culturais como análoga ao sacrifício, tal como nos coloca Girard?

Para este autor, parece haver algo de mistério rondando a questão do sacrifício, como se houvesse algo essencialmente da ordem do desconhecido. E pergunta-se: o que distingue o sacrifício do assassinato? Que proximidade é essa? Girard levanta uma hipótese: Em ambos, há a presença da violência. Daí, pensar que a violência é inata ao ser humano, é apenas um passo. É o que pode-se depreender das entrelinhas de Girard. O desejo de violência inato, quando despertado, é mais difícil de ser apaziguado do que desencadeado (Girard, p. 14). O autor observa que “a violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e estar passando a seu alcance (Girard, p. 14).

Como, então, diferenciar o sacrifício do assassinato? Qual seria a função do sacrifício, se ambos se fundam na violência, ainda que no sacrifício esta violência seja desconhecida? Para Girard, o assassinato desencadearia um processo infinito de vingança, pois,

quando a violência surge em um ponto qualquer da comunidade, tende a se alastrar e a ganhar a totalidade do corpo social, ameaçando desencadear uma verdadeira reação em cadeia, com conseqüências rapidamente fatais em uma sociedade de dimensões

reduzidas. A multiplicação das represálias coloca em jogo a própria existência da sociedade (Girard, p. 28).

Assim, a criação do sistema judiciário fez com que, no plano social, a vingança fosse limitada. Nas sociedades primitivas, onde não havia sistema judiciário organizado, Girard acredita que o sacrifício tinha como função prevenir o desencadeamento da violência que leva à vingança infinita. Para ele, o sacrifício apazigua o desejo de violência.

O sacrifício é um instrumento de prevenção na luta contra a violência. (...) Ele faz convergir as tendências agressivas para vítimas reais ou ideais, animadas ou inanimadas, mas sempre não susceptíveis de serem vingadas, sempre uniformemente neutras e estereis no plano da vingança. O sacrifício oferece ao apetite da violência, que a vontade ascética não consegue saciar, um alívio sem dúvida momentâneo, mas indefinidamente renovável, cuja eficácia é tão sobejamente reconhecida que não podemos deixar de levá-la em conta. O sacrifício impede o desenvolvimento dos germens de violência, auxiliando os homens no controle da vingança (Girard, p. 31, 32).

A despeito de que a função do sacrifício como forma de “apaziguar as violências intestinas e impedir a explosão de conflitos”, tenha sido esvaziado com a criação do sistema judiciário, o sacrifício não deixou de existir. O paradoxo é que

os procedimentos que permitem aos homens moderar sua violência são todos análogos: nenhum deles é estranho à violência. Poder-se ia pensar que todos eles se encontram enraizados no religioso, (...) [pois] o religioso coincide certamente com esta obscuridade que envolve em definitivo todos os recursos do homem contra sua própria violência, sejam eles preventivos ou curativos, com o obscurecimento que ganha o sistema judiciário quando este substitui o sacrifício. Esta obscuridade não é senão a transcendência efetiva da violência santa, legal, legítima, face à imanência da violência culpada e legal (Girard, p. 38).

Girard, enfim, conclui que a hipótese – da violência espontânea – que construiu para elaborar sua teoria da religião primitiva, serve-lhe para ampliar essa teoria em direção do judaico-cristão e da totalidade da cultura. Para ele, esse é o acontecimento fundador da religião, da sociedade e da cultura. Mais: “é a origem

absoluta, passagem do não humano ao humano, e origem relativa, origem das sociedades particulares” (Girard, p. 377). A violência essencial e desconhecida, base da teoria da vítima expiatória, apresenta, para ele, uma superioridade em relação à teoria da evolução. Sobretudo, por causa do desconhecimento dessa violência fundadora. Ele, então, afirma que “a presente teoria é a primeira a justificar tanto o papel primordial do religioso, nas sociedades primitivas, quanto nosso desconhecimento sobre esse papel” (Girard, p. 378).

## O desconhecimento da violência e o desejo mimético

Girard deixa bem claro que esse *desconhecimento* ao qual se refere, não se assemelha ao inconsciente da Psicanálise. A diferença estaria em que no religioso nada há recalcado ou oculto – que permanecesse sempre oculto, como acontece no inconsciente (no modo como ele entende, a partir de Freud). Para ele, mesmo o fator “acaso”, na seleção da vítima, não pode ser considerado sob a perspectiva do inconsciente, pois, também este aspecto pode ser compreendido desde a perspectiva do campo religioso. Ele explica que o pensamento religioso permite compreender que o acaso abriga a manifestação do transcendente. Para provar sua argumentação, mostra, a partir de exemplos de vários ritos primitivos, o papel do acaso na escolha da vítima. Girard enfatiza que

o pensamento moderno, como todos os pensamentos anteriores, busca explicar o exercício da violência e da cultura em termos de diferenças. É este o mais enraizado de todos os preconceitos, o próprio fundamento de qualquer pensamento mítico: apenas uma leitura correta do religioso primitivo pode dissipá-lo (Girard, p. 380).

Girard contrapõe a sua hipótese a alguns fundamentos da Psicanálise. Mas utiliza-se de vários deles para enriquecer sua argumentação: *transferência*, *resistência*, *interpretação interminável*.

Assim, ao buscar uma explicação para o que considera violência essencial, fundadora da sociedade e do próprio ser humano, Girard constrói uma teoria do desejo. Inicialmente, busca nos grandes romances e dramas, um saber superior sobre os mecanismos do desejo, dando especial atenção às obras romanescas. E então, a partir destas, constrói uma teoria do desejo.

O resumo que apresento a seguir, da teoria girardiana do desejo, baseia-se na importante contribuição de Santos (Santos, p. 135-212). Esta autora apresenta a concepção girardiana de desejo observando que, inicialmente, ele partiu das obras literárias (idéia que em primeiro lugar encontrou em Cervantes), captando o que lhe pareceu ser *o mecanismo fundamental de ação do desejo*. Depois, voltando-se para o campo da *antropologia e da escritura judaico-cristã* interessa-se não mais pelos mecanismos do desejo, mas pelos “mecanismos miméticos”(o termo mimesis – do grego – torna concebível a parte conflitual da imitação, o que não aconteceria com este último termo “imitação”). A teoria da religião e das sociedades arcaicas apresentada por Girard é uma expansão da idéia a respeito do desejo mimético, da rivalidade mimética.

Vejamos, então, um resumo da idéia de desejo e desejo mimético em Girard:

- Não desejamos um objeto por causa do que ele é intrinsecamente, mas porque alguém que funciona para nós como modelo no-lo designa como desejável.
- Nosso desejo é sempre heterônomo, pois ao desejar, imitamos o desejo de outro (do outro que nos serve de modelo).
- Não existe desejo espontâneo. O sujeito não sabe o que desejar, por isso se volta para o desejo do outro, imitando-o em seu desejo.
- Nas sociedades tradicionais, o desejo seguia o modelo de mediação externa (havia hierarquia nas mediações: discípulo e mestre). Nas sociedades modernas houve a instalação de uma rivalidade mútua infernal – as pessoas se copiam umas às

outras num ambiente de hostilidade (generalização da mediação interna). Há conflito entre a mediação externa e interna.

- O sujeito não possui autonomia no seu desejo. Mas admitir isso seria admitir uma falha/falta. Assim, seu desejo se direciona para os mediadores que julga “completos”, mas não confessa essa mediação externa. Como consequência, o desejo passa a ser uma imitação dissimulada.

- Desejar o mesmo que o outro deseja e possuir objetos análogos aos do mediador externo não satisfaz a compulsão por imitação. Girard denomina como “mediação interna” esse desejo de estar em contato íntimo com o mediador externo (quando simplesmente possuir objetos análogos aos dele já não é suficiente). Assim, a mediação interna se transformará na necessidade de absorver ou fundir-se com o outro que deseja.

- A impossibilidade de fusão com o outro (mediador externo do desejo) causa desconforto interior e hostilidade em relação ao mediador. O sujeito crê que o outro “esconde” algo que o tornaria feliz como o outro o é. Daí o sentimento de veneração e ódio em relação ao outro, e repulsa em relação a si.

- O desejo de ser, em última instância, o próprio modelo do desejo, faz com que este (mediador externo) torne-se rival na medida em que passa a ser um obstáculo para a realização do desejo, algo que não acontecia anteriormente, na mediação externa.

- O desejo vai mudando de forma consoante o grau de mediação que atravessa. Girard chama de “desejo metafísico” quando o desejo deixa de ter relação com o objeto acessível e se centra cada vez mais (por causa da mediação interna) no mediador.

- Esse desejo metafísico se propaga por “contágio generalizado” (“A partir de Proust, o mediador é literalmente “não importa quem”, e pode surgir “não importa

onde”. Por isso mesmo estão criadas as condições necessárias e suficientes para que a rivalidade recíproca se propague, e com ela, os duplos – é a própria sociedade moderna que se torna inteiramente cismática, podendo a mediação dupla estender-se para além das fronteiras nacionais, tornando-se os países obcecados uns pelos outros e podendo gerar blocos simétricos”. (Santos, p. 137)).

- A sociedade moderna identifica-se com a propagação da mediação interna. Os sentimentos dominantes, derivam-se de uma vaidade generalizada (inveja, ciúme, ódio impotente). Os deuses, hoje, são as pessoas que nos rodeiam e se transformam em nossos modelos-rivais. Vive-se, assim, uma transcendência desviada ou pervertida.

Assim, para Girard, é o desejo mimético que faz nascer a rivalidade na imitação. A imitação “comporta em si uma tendência extremamente perigosa para a estabilidade social, que é a tendência para o conflito” (Santos, p. 140). Sua concepção de desejo: “mimesis [imitação rivalizada] que se enxerta nas montagens instintuais para as sobreativar, irritar ou desorganizar” .

Girard assinala que o paradoxo do ciclo mimético é que os homens quase nunca podem partilhar pacificamente um objeto que todos desejam, mas podem sempre compartilhar um inimigo que todos odeiam porque podem unir-se para o destruir , e então não subsistem mais hostilidades prolongadas, pelo menos durante algum tempo.

Os grupos “pré-humanos” e “humanos” teriam passado por duas experiências fundamentais: as crises miméticas atroztes que colocavam as comunidades à beira da desintegração e a paz que a vítima expiatória proporcionava em seguida. Estas experiências dolorosas, gravadas na memória, seriam as razões do nascimento dos interditos, da realização dos rituais para atualizar o acontecimento pacífico e os mitos – sendo este a narração do acontecimento fundador.

Assim, o mecanismo vitimário é o que está na origem das sociedades – e é esse mecanismo que possibilita a entrada no simbólico (na linguagem). Em 1978, Girard descobre a escritura judaico-cristã. Afirma aí a positividade última da violência e reafirma o mecanismo da vítima expiatória que se encontra na origem de todos os rituais. Para ele, Hebreus e a teologia medieval solidificaram a interpretação da morte de Cristo como sendo de caráter sacrificial, diminuindo, assim, a responsabilidade dos seres humanos na paixão, podendo-se então, projetar sobre Deus uma violência que não lhe pertence, ao supostamente necessitar do sacrifício do filho para aplacar a sua ira.

## **Uma Psicologia interdividual**

Santos (Santos, p. 163) esclarece que Girard denominou como Psicologia Interdividual “para ressaltar a idéia de que quando duas pessoas se interrelacionam, não estão presentes uma à outra numa posição de completa autonomia, mas influenciam-se mutuamente sem mesmo se darem conta”. O desejo mimético cresce em intensidade. Indo da normalidade à anormalidade. Ninguém escapa a ele – lidamos com ele. A psicologia interdividual procurará analisar tudo em função desta indissolubilidade de desejo entre o eu e o outro. É a partir deste desejo que imita o desejo do outro e, finalmente, se deixa fascinar por ele, julgando-o detentor de um segredo que lhe abriria as portas de um paraíso terrestre, que Girard pretende explicar toda uma série de comportamentos (Santos, p. 164).

Na opinião de Santos, Girard dá a entender que a única saída ao desejo mimético seria o “amor evangélico: a renúncia a tudo que pode provocar conflito” (Santos, p. 164).

A obra de Girard é vasta e não caberia neste pequeno artigo toda exposição sua sobre o desejo. Mas o que foi apresentado até aqui, permite-nos levantar algumas questões:

## Para refletir

1. Girard apresenta Cristo como a única porta salvadora ao desejo mimético fundante do ser humano e das sociedades.

Pergunto: ter a Cristo como o modelo para o desejo, imitá-lo, livraria o ser humano de se enredar na violência? Sabemos que também os grupos que pretendem imitar a Cristo não estão livres de cometerem violências e desrespeito aos direitos humanos. Ele afirma que a violência pode ser maléfica ou benéfica (ou ainda, purificadora ou destrutiva). “A dimensão purificadora e pacificadora da violência ultrapassa sua dimensão destrutiva” (Girard, p. 80). O que dizer da Inquisição, neste caso?

2. Girard acredita que a atividade econômica, especialmente através da oferta de mais produtos que são desejáveis a todos, desvie o olhar do sujeito do modelo, para o objeto que o modelo deseja.

Pergunto: não seria a própria sociedade de consumo quem produz o desejo mimético, elegendo objetos desejáveis, produzindo um desejo que aponta para um processo de homogeneização da subjetividade?

3. Girard acredita que o desejo humano (desejo mimético) move-se fundamentalmente, para a indiferenciação. Só a religião, através dos ritos de sacrifício poderia apaziguar a violência nascida do desejo mimético.

Pergunto: se o desejo mimético conduz, fatalmente, à violência destrutiva; e o sacrifício, como saída, constituindo-se como violência purificadora, não estaria Girard, colocando a religião como a cura de um desejo patológico?

4. Na visão girardiana, o desejo mimético explica todos os comportamentos humanos, como também as formações sociais e institucionais. Desde a necessidade da religião (o surgimento do sacrifício para apaziguar a violência nascida do desejo mimético), passando pela instituição jurídica (institucionalização do sacrifício fora da

dimensão religiosa) e até mesmo as experiências de possessão e uso de máscaras (“a possessão não é senão a forma extrema da alienação ao desejo do outro” (Girard, p. 202). “A máscara superpõe e mistura seres e objetos que a diferença separa (...) ela coincide com o duplo monstruoso” (Girard, p. 205).

Pergunto: Seria, de fato, o desejo mimético, a única explicação possível para todas as formações desejantes? Não haveriam outros desejos, para além do mimético, que fossem “construtivos”?

5. Girard postula que “crise sacrificial” pode ser sinônimo de “crise das diferenças” (Girard, p. 73). “Onde a diferença está ausente é a violência que ameaça” (Girard, p. 78). O desejo mimético é essencialmente apagamento das diferenças e, conseqüentemente, só resta ao ser humano lidar com o desejo mimético no sentido de contornar os seus efeitos. Quando o sujeito é capaz de reconhecer a sua diferença e negá-la (tendendo, assim ao desejo mimético) parece que há, aqui, um processo que estava caminhando em uma direção de produção de diferenciação, para retornar a um estado de indiferenciação

Pergunto: não estaríamos frente a uma concepção de desejo e de ser humano, que se funda, exclusivamente, sobre uma patologia do desejo?

6. Girard parece querer apresentar uma estrutura “triangular” do desejo: Um sujeito A imita um sujeito B porque ele deseja o objeto X. Sujeito A e sujeito B vão entrar em conflito em razão de desejarem o mesmo objeto. Assim,

trata-se de definir a posição do rival no sistema que ele forma com o objeto e o sujeito. O rival deseja o mesmo objeto que o sujeito. Renunciar à primazia do objeto e do sujeito para afirmar a do rival só pode significar uma coisa. A rivalidade não é o fruto de uma convergência acidental de dois desejos para o mesmo objeto. *O sujeito deseja o objeto porque o próprio rival o deseja*. Desejando tal ou tal objeto, o rival designa-o ao sujeito como desejável. O rival é o modelo do sujeito, não tanto no plano superficial das maneiras de ser, das idéias, etc., quanto no plano mais essencial do desejo” (Girard, p. 180)

Entretanto, o total (e pouco explicado) desaparecimento do objeto parece configurar mais uma relação diática do que triangular. A Psicanálise nos mostra que antes de o sujeito poder se diferenciar do outro e ser capaz de estabelecer relações triangulares, ele passa por uma união total com a mãe, para aos poucos ir se diferenciando e se perceber como unidade separada. Quando o sujeito não se mostra capaz de uma diferenciação do outro, isso indica que há uma falha no processo de constituição psíquica e emocional.

Pergunto: não estaria Girard, fazendo uma certa confusão acerca do processo (dois “estágios”: narcisismo e complexo de Édipo) de desenvolvimento psíquico e emocional do sujeito? A capacidade de identificar o desejo do outro implica em um processo de diferenciação, que é negado por Girard. O desejo do sujeito, sendo mimético, só poderia direcionar-se a um processo de indiferenciação, marcando, assim, uma quebra de um processo inicial. O desejo mimético seria então, uma patologização de um desejo inicialmente não mimético. Inicialmente diático – em direção ao triádico, ou seja, de diferenciação e não de indiferenciação.

7. O desejo mimético, da forma como Girard o descreve, pode ser compreendido desde a perspectiva da Psicanálise como característico da psicose. Bion crê que o ser humano, mesmo não sendo psicótico, possui uma parte psicótica em sua constituição subjetiva. As características da parte psicótica do ser humano seriam: fortes pulsões destrutivas, com predominância da inveja e da voracidade (semelhante ao desejo mimético); baixíssimo limiar de tolerância às frustrações; relações tipicamente sadomasoquistas; agudo ódio à realidade interna e externa; onipotência e onisciência e imitação como substitutos ao processo de aprendizagem; etc. (Bion, apud Zimermam, p. 84)

Pergunto: não seria o desejo mimético, menos a expressão da potencialidade da subjetividade humana e mais a expressão da parte psicótica da constituição subjetiva?

8. Girard explica todo o comportamento humano, desde suas dimensões mais pessoais como o sadismo, masoquismo, psicose, etc, até as institucionais, como as formações religiosas e o sistema judiciário, pelo desejo mimético. Suas idéias convergem para a construção de uma Antropologia Geral, que pretende captar a dimensão humana numa perspectiva totalizadora e unitária. Para ele, “os homens são governados por um mimetismo instintivo responsável pelo desencadeamento de ‘comportamentos de apropriação mimética’ geradores de conflitos e rivalidades de tal ordem, que a violência seria um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizado pelo sacrifício de vítimas expiatórias (Carvalho, apud Girard, p. 9).

Pergunto: é justo explicar todos os comportamentos e formações sociais, a partir de uma única forma de desejo? Bataille nos lembra que “Freud fundou sua interpretação do interdito na necessidade primitiva de opor uma barreira *protetora aos excessos de desejos* que incidem sobre objetos” (Bataille, p. 66). Para este autor, o desejo humano é o da *continuidade*. O ser humano liga-se ao outro não para o destruir, mas pela sua necessidade de continuidade.

## **Para finalizar**

É difícil comentar a questão do desejo na vasta obra de Girard, em poucas páginas. Seu pensamento é ao mesmo tempo instigante e por muitas vezes causa bastante desconforto, pelo fato de querer tudo abarcar sob a explicação do desejo mimético.

Trago para este momento de finalização na reflexão, as idéias de Winnicott, representante da Psicanálise Inglesa. Este autor pouco fala de desejo. Ele fala de necessidade. Winnicott afirma que o ser humano e a cultura se constituem num processo que vai da dependência absoluta, passando pela dependência relativa, rumo à independência. Neste processo, o sujeito encontra-se, inicialmente fusionado

à mãe, para, aos poucos, em se separando dela, dar-se conta do “eu”, do “não-eu”, e pode, assim, desenvolver-se como unidade, como ser total. Esse processo implica numa diferenciação de si e do outro. Diferentemente do que pensa Girard.

Esse processo de diferenciação, quando não apresenta falha (que gerariam as indiferenciações e conseqüentemente, as psicoses, as esquizofrenias e os casos-limites) é possibilitado pela construção do que ele chama de *espaço potencial*. O espaço potencial é o espaço existente entre o sujeito e o ambiente. Quando o sujeito se acha fusionado com o outro, impossibilita-se a construção da diferenciação, do sentimento de si. E é neste espaço potencial que se produz a cultura, sendo esta, resultante do viver criativo da humanidade, como o lugar onde o ser humano cria/inventa. É então, no espaço potencial – local de criação – que o ser humano “começa a construir o que pode ser chamado de continuidade do ser”, a que Bataille se refere. Winnicott afirma que

com o cuidado que o bebê recebe da mãe cada latente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de *continuidade do ser*. Na base dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente no indivíduo lactente. Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente não vem a existir, uma vez que não há a continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em irritações do meio (Winnicott, p. 53).

Acompanhando o pensamento de Winnicott, não poderíamos pensar que o desejo mimético expressaria uma forma de irritação ao meio, uma falha no desenvolvimento emocional e psíquico dos sujeitos, uma tendência que move-se mais para a destruição do que para a criação? O desejo mimético visa a destruição do outro, é menos criador. A partir do que Girard nos coloca, seria então, a religião e o “sacrifício apaziguador” da violência, uma forma de cura para um desejo patológico? Ou, se fora da religião, estaríamos, para sempre, aprisionados pelo desejo?

## Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra e UNESP, 1990.

SANTOS, Laura Ferreira. *Pensar o desejo a partir de Freud, Girard e Deleuze*. Braga: Universidade do Minho/Instituto de Educação e Psicologia/Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 1997.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação*. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZIMERMAN, David. *Bion – Da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.